

Por iniciativa do Comité de Ligação Europeu contra a Guerra, que se reuniu em 4 de maio de 2024, com delegados de 16 países:

APELO

«Não é quando a guerra mata 1000 soldados por dia, quando as liberdades são suprimidas pela censura e pela lei marcial, que podemos lutar contra a guerra; é previamente, quando ainda nos podemos organizar e manifestar. DESTA VEZ, É PRECISO IMPEDI-LOS ANTECIPADAMENTE!»

Biden, Scholz, Macron, Sunak, Meloni...

Às vossas guerras dizemos NÃO!

Vocês são responsáveis pelos massacres e as guerras.

Em 24 de Abril, o Congresso dos EUA votou 95 mil milhões de dólares para a guerra na Ucrânia, para fornecer armas ao Exército de Netanyahu e pela demonstração bélica face à China. A reacção veio sob a forma de uma formidável onda de mobilização estudantil, começando na Universidade de Columbia (Nova Iorque), com a palavra de ordem: «*Genocide Joe. You can't hide. How many kids have you killed today?*» (Joe genocida. Não te podes esconder. Quantas crianças mataste hoje?)

Mais de 100 mil Palestinianos foram mortos, mutilados ou dados como desaparecidos. Centenas de milhares de crianças estão a morrer à fome, privadas de cuidados de saúde e de escolaridade, muitas delas agora órfãs, traumatizadas pela dimensão dos bombardeamentos e da destruição perpetrados pelo exército de B. Netanyahu.

Os chefes de Estado e de Governo, a começar pelos EUA, seguidos pela União Europeia, são responsáveis por aquilo que o Tribunal Internacional de Justiça qualificou de provável genocídio, a que milhões de pessoas horrorizadas assistem todos os dias. Os governos estão a participar no esmagamento do povo palestiniano, organizando o fornecimento de armas e componentes militares a Israel e mantendo acordos comerciais com o Estado que está a matar e a destruir todas as formas de civilização na Faixa de Gaza.

Apesar da inação, ou mesmo do silêncio, dos dirigentes do movimento operário, poderosos protestos e mobilizações espalham-se por todos os países do mundo, em todos os continentes, incluindo Israel, em defesa do povo palestiniano e dos seus direitos.

Os governos e a União Europeia que permitiram e continuam a apoiar este genocídio (descrito como tal até pelo Papa) estão agora a tentar abrandar a sua retórica, assustados com as consequências das suas políticas na Palestina e nos seus próprios países.

Os governos querem agora levar-nos mais longe na guerra na Ucrânia, enviando tropas e mergulhando-nos num conflito entre potências nucleares. As mesmas pessoas que nos venderam a União Europeia como um espaço de paz estão agora a preparar-se para a guerra.

O movimento operário alemão, contra a guerra, exigiu “*manteiga em vez de canhões*”. Mas, muitas vozes se levantam – na UE e em muitos governos – apelando à implementação de uma economia de guerra, o que significa um ataque geral às conquistas sociais, às liberdades

democráticas e aos serviços públicos que as lutas dos trabalhadores impuseram em todos os países. Enquanto os líderes dos sindicatos apoarem a orientação bélica das elites governantes na Europa, não conseguirão impedir a destruição destas conquistas dos trabalhadores.

De ambos os lados da fronteira russo-ucraniana, os jovens estão a ser apanhados nas ruas, nas cidades e no campo, para serem enviados à força para a frente de batalha e para a morte. Enquanto Putin inscreveu 300 mil novos soldados, Zelensky baixou a idade de alistamento em dois anos. E tudo para servir de carne de canhão às multinacionais e aos oligarcas de todos os lados. Recusamo-nos a deixar que esta guerra se alastre. Queremos que ela acabe imediatamente.

Perante todos os governos belicistas que hipocritamente afirmam defender a paz e a democracia – enquanto desmantelam as conquistas sociais e democráticas em todo o lado, recusando negociações e o cessar-fogo e continuando a fornecer armas – estamos ao lado dos jovens ucranianos e russos que estão fartos da guerra, ao lado dos trabalhadores e dos jovens que recusam a guerra e a opressão e exigem um cessar-fogo, o levantamento do bloqueio de Gaza e a satisfação das exigências sociais e políticas.

Dizemos: em nosso nome, não!

- Recusamos as guerras e a barbárie, que apenas beneficiam os poderosos e a indústria do armamento, cujos lucros estão a subir em flecha.
- Recusamos – para nós, para os nossos filhos e para os nossos netos – ser arrastados para a guerra e para a militarização de toda a sociedade.
- Recusamos os orçamentos militares cada vez maiores sob a tutela da NATO e da União Europeia, e denunciamos a guerra social que é travada contra os trabalhadores e os jovens.
- Rejeitamos todos os ataques às liberdades, as ameaças e a repressão. Defendemos a liberdade de expressão, de reunião e de manifestação, bem como o direito à greve, que se encontram particularmente ameaçados.

A mobilização dos povos do mundo será capaz de travar a escalada assassina para a qual os governos nos querem arrastar e pôr fim ao fornecimento de armas.

Ao unirmo-nos para além das fronteiras, estamos a trabalhar pela unidade internacional dos trabalhadores e dos jovens para impor um cessar-fogo e a reafectação dos orçamentos militares às necessidades vitais da população, às escolas, aos hospitais, aos salários e às pensões de aposentação.

- **Fim do massacre do povo palestiniano!**
- **Na Palestina como na Ucrânia, um cessar-fogo imediato!**
- **Fim do fornecimento de armas!**
- **Não a qualquer intervenção militar das forças da NATO na Ucrânia!**